

Israelis e palestinos.

A tese aqui submetida é esta: Os dois termos epigrafados foram cunhados com o propósito de produzir fenômenos, e não, como acontece com a maioria dos termos, com o propósito de dar nome a fenômeno existente. O povo israeli e o palestino "deve existir", e, para que exista, vai sendo invocado. Macumba.

Por certo: os dois termos não foram "ad hoc" inventados. Tanto Israel quanto Palestina são termos antiquíssimos e de etimologia incerta. Mas sofreram várias mutações de significado ao longo de sua carreira, e a última, recente, é deliberada. É lícito duvidar-se se os Filhos de Israel e os Filisteus se relacionam, mesmo tenuamente, com as entidades meio espectrais atualmente designados pelos dois termos. Impõe-se a pergunta: qual é o motivo da mistificação terminológica? O de velar a realidade concreta. A qual é a do confronto trágico entre judeus e árabes, termos estes que designam fenômenos reais: judeus e árabes, estes sim, existem. Mas não existem ao mesmo nível da realidade. O termo "judeu" designa fenômeno socio-religioso, amplamente, mas jamais satisfatoriamente, analisado. O termo "árabe" designa fenômeno linguístico e cultural, jamais satisfatoriamente definido. O confronto, velado pelos termos "israeli" e "palestino", é pois confronto entre fenômenos reais, mas mal compreendidos, e que se localizam em níveis diferentes da realidade.

Não obstante, o confronto é facilmente diagnosticável, se fôr libertado das mistificações terminológicas que o encobrem. Os judeus, grupo social discriminado e perseguido, e de cultura ocidental, estabeleceram estado em um dos cantos do território árabe, movidos parcialmente por necessidade cruel, e parcialmente por várias ideologias. Os árabes, grupo linguístico oprimido por séculos por invasores turcos, e dividido em parcelas artificiais pelo imperialismo inglês e francês, se mostram incapazes para a integração de tal implante. Por quê esta incapacidade?

Há explicação superficial, e explicação mais fundamental, do fenômeno de rejeição ao qual estamos assistindo. A superficial é que interesses estranhos, (ingleses, franceses, americanos e russos), agem em sentido da rejeição. A mais fundamental é que a sociedade árabe teme desintegrar-se ainda mais sob o impacto de cultura mais vigorosa, por limitado que seja o território por ela ocupado. Posto em tais termos, a solução do conflito se delinea.

A integração dos judeus no corpo social árabe se dará, se e quando o vigor cultural dos judeus passar a funcionar em função do corpo no qual está implantado. Em vez de invasor, o implante judeu no corpo árabe passará a ser catalizador de forças latentes. A presença dos judeus passará a ser vivificadora das potencialidades dormentes há séculos na sociedade árabe, outrora tão produtiva de cultura, e atualmente tão decadente. ~~umãafesofutpãada.confli~~ Não ~~esdeantepiã,~~ ~~umãpissiguParsequemse~~ realize, seria necessária re-orientação radical dos projetos judeus, e sobretudo dos árabes. Categorias tradicionais do pensamento e da ação deveriam ser abandonadas, e substituídas por novas. Visão audaciosa de convivência dinâmica, (um grande renascimento da

sociedade árabe desde o Oceano Índico até o Atlântico, sob o impulso da contribuição científica, técnica e cultural judia), deveria ser compartilhada por árabes e judeus. O sonho sionista, (sociedade modelar, "luz dos povos"), e o sonho pan-árabe, (alternativa humana para o projeto ocidental mortífero), deveriam fundir-se. Não é provável que viveremos quando tal solução óbvia, tal sonho convergente, começar a realizar-se.

Mas isto não nos condena a ficarmos de braços cruzados. Podemos, cada qual dentro da sua competência, agir em direção de tal desfecho do conflito. Negativamente, ao minimizarmos as atrocidades provocadoras de ódio que caracterizam o conflito. Positivamente, ao estabelecermos relações de cooperação entre árabes e judeus num máximo de campos. E o que podemos fazer sobretudo, se formos intelectuais, é combater as mistificações terminológicas e ideológicas em geral, e apontar constantemente a situação concreta. Podemos, desde já, deixar de falar em israelis e palestinos, e insistir no confronto entre árabes e judeus, tão trágico, mas tão prenhe de possibilidades inebriantes.

O dever do intelectual, este testemunha crítico dos eventos, é o combate às mistificações, e o engajamento na realização de virtualidades humanas. Raros são os casos nos quais tal dever aparece mais nitidamente quanto no conflito entre árabes e judeus. Que os intelectuais judeus e árabes se unam finalmente, e a utopia de uma síntese entre os dois grupos deixará de ser utopia, e passará a ser projeto.